

Eixo: **Cultura e Comunidade**

VILA NOVA DO NOVE

A vila do porvir

Ana Cristina Cintra Camargo

Chamam-na de Maria. D. Maria. D. Maria da caixaria. Uma entre as centenas de marias desta favela. Uma entre as milhões de marias do Brasil. Como a maior parte marias à sua volta, veio do norte para São Paulo. Até hoje lhe perguntam se não era melhor ficar por lá que viver esta vida dura aqui em São Paulo. “Aqui ninguém passa fome, dona.” “Dona de quê, d. Maria?” “É só jeito de falar, menina.” Menina-dona e dona Maria.

Somos as duas a nos deixarmos conhecer. Ela é a dona do pedaço. Na sua caixaria, no centro da favela do Nove, ela subemprega homens, mulheres e garotos na tarefa de reaproveitar caixotes de madeira recolhidos ou comprados nos fins de feira do Centro de Abastecimento Geral do Estado de São Paulo — Ceagesp. Desfazem e refazem, pregam, grampeiam, empilham, integrando-se em engrenagem da qual se alimentam, ao tempo que alimentam o maior entreposto de alimentos da América Latina.

Uma lei da Organização Mundial da Saúde — OMS faz circular a impropriedade do trabalho das caixarias: é insalubre. Realmente. É insalubre para o acondicionamento dos alimentos e insalubre para quem dali provê seu sustento. No entanto, é legítimo.

D. Maria da caixaria passou a conviver semanalmente com a nossa presença. Viu o resto das madeiras das caixas virarem "aviões" — não os do tráfico — para seus netos brincarem, viu fotos da favela em cores, no colorido das atividades das crianças e aprendeu nossos nomes. Quem somos?

Ateliê Acaia — parte de um instituto que cuida da formação humana. Acaia em tupi significa útero, e o Ateliê tem como missão servir de lugar para a construção, fortalecimento e passagem para o mundo. Oferece, assim, em suas diversas oficinas

(marcenaria, costura e bordado, linguagem oral e escrita, dança, capoeira, música, artes, xilogravura e culinária), condições para que, construindo, crianças, jovens e adultos se construam, organizando-se emocionalmente e adquirindo habilidades nas áreas escolhidas. Ocupa-se com a população que vive em duas favelas e em um conjunto habitacional para população de baixa renda, atendendo cerca de 300 alunos, entre crianças, jovens e adultos, em três períodos de funcionamento.

Desde 2006, ocupamos um posto de atendimento dentro de uma das favelas — a do Nove, que recebe este nome justamente por terminar no portão nove do Ceagesp. Em um barraco, na área central da favela, realizamos atividades cinco vezes por semana, em moldes semelhantes às oficinas do Ateliê.

A expansão do trabalho para dentro da comunidade de onde vêm nossos alunos dá-se no sentido de procurarmos entender cada vez mais as lógicas de funcionamento dessa população, tão desprovida de cuidados básicos e desamparada no acolhimento emocional, que reproduz nas relações humanas o caos e o descaso. O mesmo caos das ligações elétricas, da falta de saneamento, de habitações que dificilmente podem ser chamadas de casas e, fundamentalmente, o descaso histórico com o qual o Brasil estabeleceu, desde seu princípio, embasadas no regime da escravatura, as hierarquias nas relações humanas.

No início de 2008, um incêndio na parte mais comprometida e tomada pelo tráfico da favela evidenciou o quanto é tênue o limite que separa o homem de seus estados mais primitivos. Uma faísca elétrica, um botijão de gás mal vedado e 22 barracos rapidamente consumidos pelo fogo.

São situações que já dividimos, somos companhias conhecidas. Vivemos enchentes e ora vivíamos um incêndio. Numa cena dantesca, nossa história se cruzava mais uma vez com essas pessoas.

Documentos, roupas, fogões, prateleira: tudo virara entulho, cinzas e destruição. Famílias com nove crianças, homens solitários, que apareciam somente à noite para refugiarem-se em seus barracos — desorientados seres na busca de alguma ordem possível para dar prosseguimento aos dias que teimariam em vir.

A reportagem já se encontrava por lá: zoom e closes nos rostos desgraçados, nas mãos que procuravam documentos e roupas entre as cinzas.

Existem saberes curiosos, saberes de fazer notícia e saberes do humano. Naquele amontoado de rostos, havia um pouco de tudo.

O terreno que abrigara os 22 barracos voltava a ser um terreno de 30x15m, mas

agora cheio das marcas da destruição. Certo é que autoridade e sujeição, independentemente da escala econômica que se lida, são reproduzidas. Há poderes em toda parte: o dos "grandes" proprietários e o dos moradores de corredor.

Só que no momento tudo se encontrava no chão. Imaginamos que uma nova forma de construção seria possível. Dois amigos arquitetos se dispuseram a ajudar. Desceram até a favela, improvisaram uma mesa de trabalho empilhando caixas de madeira — trena, lápis, papéis e uma calculadora emprestada fizeram surgir um esboço de uma possível vila. Alguns perderiam área em função de outros, mas parecia menos hostil aquela proposta.

Barracos todos com um pouco de iluminação e acesso direto. Os moradores ouvidos em suas requisições — para quem morava sozinho, os propostos oito metros quadrados pareciam demais, não precisavam de cozinha, só vêm dormir! Famílias de três pessoas, outras com nove crianças, três tamanhos de moradias. Combinados para limpar a área, carrinhos de mão, pás e enxadas de socorro, caibros e madeirites chegavam e, de fato, iluminavam toda aquela paisagem acinzentada. Reconstituir a expectativa de viver, seja como for.

Ao longo dos últimos dez anos vimos nos dedicando ao minucioso trabalho de tentar conhecer quem são os frequentadores do Ateliê Acaia. Quem são estes meninos que, em sua maioria, sobem sozinhos a rua, apertam a campainha e pedem vaga na "marcê" — nome com que somos carinhosamente tratados, em referência à marcenaria, que foi a nossa oficina inaugural e até hoje é o nosso carro-chefe.

Qual a razão para que a ficha de matrícula de um aluno fique meses sem a assinatura de um responsável? Por que este garoto está fora da escola? E este outro que nem ao menos tem registro? De onde vem sua família? Com quem mora? Que bagagem histórica e cultural trazem? Como organizam ou não organizam suas casas? A que hierarquia obedecem? Que arranjos internos e externos fazem para sobreviver? Com o que se divertem? O que mais temem? Com que expectativas convivem?

Um dos fatos que mais nos chama atenção é o seu medo de serem retirados das favelas, transferidos para alojamentos. Receio bem fundamentado e justificado pelo sem número de cadastramentos feitos pelos órgãos públicos ou por ações pontuais e desastrosas, tais como retirada de alguns barracos, desmanche de caixarias, que têm a duração quase que a do tempo das ações — não mais que alguns dias e tudo volta: barracos, caixas, pessoas e... revolta. Cada cadastro deixa uma marca nas paredes e portas das moradias.

"... porque gado a gente marca, tange fere engorda e mata, mas com gente é diferente, se você não concordar, não posso me desculpar, não canto pra enganar, vou pegar minha viola, vou deixar você de lado, vou cantar noutra lugar..."*

Não cantamos em outro lugar. Ali permanecemos e com essa população estabelecemos uma relação duradoura e de confiança, dia-a-dia construída.

Muitos não concordam, como aponta a velha música, mas seguimos discutindo habitação, crescimento urbano, saneamento, educação, Brasil. Fomos ampliando nosso horizonte de ação, de ferramentas e dispositivos necessários para que mais brasileiros possam ascender a condições dignas.

Antes de voltarmos ao incêndio, um trecho da história de Luzinete.

Luzinete, mãe do período da noite, doente, pressão alta, diabetes, depressão. Quando começou a vir no Acaia, disse que, por "sofrer dos nervos", não conseguia aprender nada, já estivera internada e gostaria de aprender a bordar. Veio, aprendeu, fez bonitos trabalhos, as cores das suas linhas nos remetem à África.

Certamente, o que ela imprime nos seus trabalhos não nasceu da cultura preservada, que deveria estar presente nessa mulher, tudo se perdeu: ela nem sabe onde fica a África. A televisão enche seus olhos com móveis brilhantes das Casas Bahia, então ela passa a ter vergonha das miçangas, do vermelho, azul e amarelo que moram na sua mais remota memória. Mas no Acaia, como era mesmo só para distrair, e como todos os coordenadores admiravam seus bordados, ela revisita seus ancestrais adormecidos no meio da miséria cultural que degrada os pobres em São Paulo.

Luzinete um dia some do Acaia, seu filho mais novo, um rapaz de dezenove anos é dependente químico, quando está sob efeito das drogas fica agressivo, quebra tudo. Ela cai de novo em depressão, a diabetes e a pressão se descontrolam. Em 2006, no reinício das atividades, uma das mulheres chega, sorri e diz:

— Trouxe um presente para vocês, olha aí a querida Luzinete.

Sorrindo, Luzinete conta que melhorou e que há males que bem para o bem:

— Sabe, dezembro passado, meu filho chegou muito alterado, quebrou tudo, queria bater em mim e nos meu três netos. Desesperada, chamei a polícia e onde eu moro não pode chamar a polícia sem pedir ordem para o Jimmy K, mas na hora nem lembrei disso, os guardas vieram e a coisa se acalmou. Mas no dia seguinte recebi um recado: Jimmy K queria falar comigo. Sabe, tenho tanto medo desse homem que não tive

* *Disparada*, Théo de Barros e Geraldo Vandré.

coragem de ir ao apartamento dele e meu filho mais velho foi. Contou sobre meu desespero. Ele entendeu e me desculpou. Nesse mesmo dia ele bateu na porta do meu apartamento e mandou que eu acordasse meu filho. Ele olhou para o menino e disse:

— Olha, rapaz, quem usa droga deve saber o que usa e como usa. Se você não sabe, eu ensino. Da próxima vez que você chegar valente, sua mãe não vai chamar a polícia. Vai me chamar. Eu venho e depois de bater bastante em você, quebro suas pernas para você passar um tempo sossegado dentro de casa.

Luzinete novamente sorri: ele melhorou, está há dois meses mais calmo e até arranjou trabalho. Eu melhorei e até tenho forças de vir aqui bordar.

Diz a coordenadora do Acaia: quando o poder público fracassa em suas ações, sobra para os esquecidos a ajuda do poder paralelo, tamanho despropósito me faz crer que prender Jimmy K seja um grande mal a essa comunidade.

De volta ao incêndio.

Se o fogo se encerrasse nas paredes do último barraco queimado, já teria consumido bastante. Mas o fogo e as queimaduras se alastram.

Toma o caminho do homem que dirige seu carro para o trabalho no farol das redondezas e se assusta com o menino ensandecido que bate no vidro da janela. Toma a praça em frente a escola, toda energia sem nome se propaga na briga que envolve as crianças, jovens e os que inadvertidamente cruzaram o caminho destas crianças naquele dia. Toma a atividades propostas no Ateliê que passam a ser acolhimento total.

De roldão, o fogo a tudo consome a brasa ainda queima sob os pés e quem sabe quanto tempo durarão no fundo destas retinas.

A foto da porta e seu batente que, altivos, resistiram ao fogo, ficou apenas na nossa memória. O que a mídia anunciou ao anoitecer foi fugaz, instantâneo como labareda e deram as notícias seguintes, de assaltos, crimes e condomínios com seus muros altos como se uma e outra notícia não conversassem entre si.

Psicanálise, a meu ver, faz um caminho diferente. Propõe aproximações entre notícias e acontecimentos que olhos menos expostos ou menos treinados são incapazes de notar. Aproxima campos, expõe relações de contigüidade.

Faz-se nas clínicas, no campo, nas ruas ou nas vielas.

A Vila Nova do Nove não saiu do papel, mas fez caminhos internos nas pessoas que sonharam com mais luz. Quem sabe tocou no desejo... e ajudou a manter aceso um outro fogo. Um fogo de dentro - porque às vezes é muito difícil por em letras, uma atrás da outra, o que sentimos.

Cormac MaCarthy é um autor que como poucos dá voz ao indizível. Em seu mais recente livro, *A estrada*, ele acompanha o caminhar solitário de um pai e seu filho por uma América pós-apocalpítica. Cada um é o mundo inteiro do outro. Uma paisagem desolada. Uma terra enegrecida. Vivendo toda aquela destruição o pai diz para o filho: "Não é culpa sua!" e, quando o pai já não pode mais, pede ao menino que continue, prossiga, "pois ele precisa encontrar os caras do bem".

Quero ficar com você/ Você não pode/ Por favor/ Você não pode/ Você tem que levar o fogo/ Não sei como fazer isso/ Sabe sim/ Ele é real?O fogo?/ É sim/ Onde ele está? Não sei onde ele está/ Sabe sim. Está dentro de você. Sempre esteve aí. Posso ver.

(Depois, o menino é encontrado só, por um homem descrito como um veterano de velhos conflitos).

Não sei como você chegou tão longe, mas devia vir comigo/ Como posso saber que você é um dos caras do bem?/Não pode. Vai ter que correr o risco/ Vocês estão levando o fogo?/ Nós estamos o quê? Levando o fogo/ O quê, levando o fogo? /É/ Sim. Estamos/ Vocês têm crianças?/ Temos/ Vocês têm um menininho?/Temos um menininho e uma menininha.

Bibliografia

- Aralhe, Olga Maria, Bracher, Elisa, Camargo, Ana Cristina de A. Cintra – Textos sobre o Ateliê Acaia

- Herrmann, Fabio : Andaimos do Real

-Mc Carthy, Cormac, *A estrada*, tradução de Adriana Lisboa, Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2007.

Resumo

Por meio do recurso da narrativa, este trabalho procura identificar nas vozes de alguns personagens – entre as quais a autora se inclui –, as lógicas de construção subjetiva e objetiva em uma favela na zona oeste de São Paulo, *pari passu* à propagação das repercussões de um incêndio lá ocorrido em fevereiro de 2008.

Palavras-chave: lógica de construção, favela, caixaria.